

Josias Gil lança novo livro

“Até para morrer é preciso saber”

Josias Gil acaba de lançar a sua primeira novela, “O Cavalo do Malabar”. Nas páginas do livro, descobre-se uma reflexão filosófica sobre o sentido da vida e as limitações do ser humano, sobre a identidade e a existência. “Autobiográfico” e “com muito de S. João da Madeira”, a obra abre-se à interpretação subjectiva de cada leitor.

rios silêncios para o leitor explorar e, portanto, há várias interpretações. A história não tem uma sequência cronológica, como é natural, porque as pessoas não refletem na sua vida passada por ordem cronológica, mas por momentos, por impressões, por forças emotivas. Entretanto, o personagem tem, supostamente, um acidente...

As quatro facas de Gil

O escritor: aventureiro

O político: sofredor

O professor: paciente

O homem: mistério

De que se trata “O Cavalo do Malabar”?

É uma alegoria, uma força interior muito profunda, em que o homem tem de transformar as fraquezas em forças. Ao confrontar-se com os seus limites, dos quais o mais absoluto e radical é a própria morte, ele tem que conseguir cavalgar esses mesmos limites, como se de um deus se tratasse, porque eu digo que o homem é da raça dos deuses.

Porquê este título?

“Cavalo”, porque é um animal poderosíssimo, com uma grande carga simbólica, que sempre acompanhou o homem ao longo da sua existência. “do Malabar”, porque foi a costa do grande sucesso, da grande conquista do imaginário português, com a viagem do (Vasco da) Gama à Índia. Foi lá que ele demonstrou ao velho do Restelo que valia a pena arriscar tudo, jogar a vida na conquista das suas utopias, das suas ambições, das suas loucuras. Simboliza essa atitude do homem que, sendo frágil e limitado, tem o poder divino de transformar as fragilidades numa potência extraordinária, de criar e recriar o mundo. O sentido simbólico dos Descobrimientos também é uma das mensagens que o livro explora.

Apesar de ser uma alegoria, a acção desenrola-se num espaço e num tempo concretos...

Há vários planos de acção: há o concreto, linear, que começa com uma viagem estranhíssima de Veneza para Florença, à noite, sem luzes no carro. Mas o livro tem vá-

Por que razão o protagonista não tem nome?

Porque pretende representar toda a humanidade que se encontra numa situação fantástica de enclausuramento irreversível, da qual não pode sair. Tal como na própria vida, ele está condenado à morte, desde que nasce. A grande dúvida é esta: será que ele já morreu e isto acontece depois de ele ter morrido? Será que ele não morreu, mas sabe que vai morrer? Ou será que isto está a acontecer naquele período de tempo em que ele está a morrer?

À procura de si mesmo

E qual é a resposta?

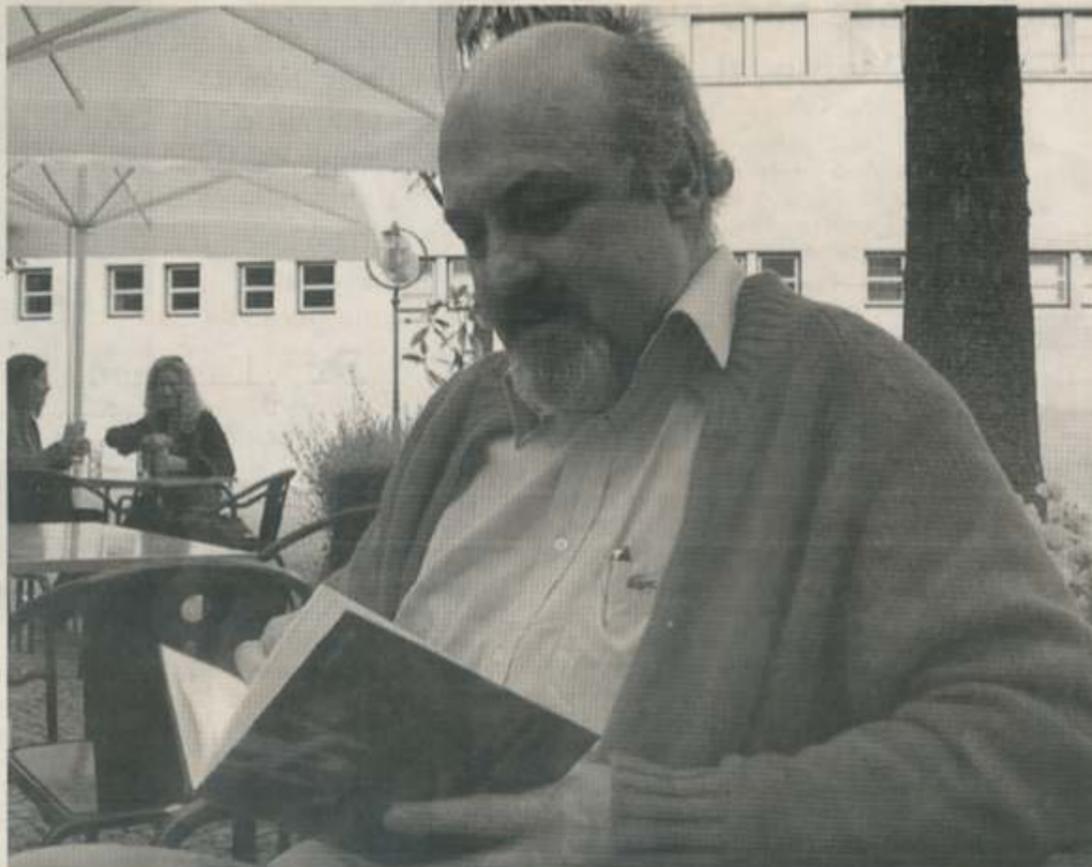
Não a sei dar. Cada leitor é que terá que dar a sua resposta, se quiser, ou então manter esta tripla interrogação. Este homem sofre uma experiência em que toda a sua estruturação mental e existencial se perturba e se altera, porque sabe que vai morrer, mesmo que já tenha morrido ou que esteja a morrer. Aí intervêm cenas que lhe ocorrem e que o impressionam e chega a um ponto em que já não consegue distinguir o real do imaginário. E isso acontece também com as pessoas na vida comum.

O elemento feminino é constante...

A mulher do protagonista, Teresa, é de facto, uma presença constante e decisiva na sua vida e na sua morte, mas também noutras cenas vividas com outras pessoas, que ele assume como se fossem suas. Isto é um sinal de que nós somos os outros dentro de nós, que é uma das minhas teses filosóficas.

É uma obra “existencialista”?

Sim... Nós não somos um objecto, nem um sujeito individual, mas um cruzamento de várias existências. Sem o outro, não existiríamos e, por isso, este homem, que se encontra numa situação radical de procura de si mesmo, acaba por descobrir que ele é também através dos outros. Até ao fim do livro, ele vai traçando, dentro de toda esta



avalanche de emoções, uma estratégia de vida verdadeira e real. Sobretudo quando se morre, temos uma experiência fortíssima, talvez a mais violenta, de vida. No livro, digo que até para morrer é preciso saber. A obra é muito imagética, muito descritiva de experiências concretas que este homem viveu e que eu também vivi, por isso, posso encarar isto, para além de um romance ou de uma novela, como um manifesto existencial. Não é uma biografia, mas é um grito que diz: existo e estou aqui.

Quando terminou o livro?

Foi concluído há cerca de três anos, mas foi escrito em relativamente pouco tempo, porque foi feito com vários escritos que já tinha há muito tempo. Fui buscar fragmentos, estilhaços da minha vida... alguns com 30 e tal anos. Aliás, estava para fazer uma versão dois da (antologia de crónicas) “Cidade de que eu gosto”, mas fui desafiado pela minha filha mais velha, que prefacia o livro, a fazer um romance.

É a primeira obra publicada no circuito comercial...

Meti na minha cabeça que não seria publicado como edição de autor, tal como o primeiro livro, nem com subsídios de espécie alguma. O livro seria sujeito à prova de fogo do circuito comercial. E vai ser lançado agora, porque consegui encontrar uma editora que se mostrou interessada, a “Corpos”, que publica o livro na colecção “Nus”.

Salomé Pinto

Apaixonado pela cidade e pela mulher

“S. João da Madeira era uma possibilidade”

De que forma esta novela se cruza com a vida do escritor e desta cidade?

Herberto Hélder, que também é citado no livro, diz: “A cidade é uma vingança anterior em que a cidade aparece vestida de mulher”. A minha vida foi muito marcada pela presença da cidade e da mulher. Durante 11 anos da minha vida recente, estive profundamente envolvido com a ideia de cidade. Por isso, candidatei-me duas vezes à Câmara Municipal, não apenas por uma estratégia político-partidária, mas por uma atitude filosófica, de vida e de projecto existencial. E acabei por descobrir que a presença da cidade é tão forte e tão importante na nossa vida como a presença de uma pessoa, neste caso, a pessoa que nós amamos. E é de tal forma marcante que não conseguimos encontrar um sentido autêntico para a nossa vida sem esses dois elementos. E, assim como as grades da capa do livro dão uma ideia de limitação, de obstáculo, e estes degraus, que sobem e descem, dão uma ideia de viagem entre um sítio mais escuro que não se sabe o que tem para lá dele e um sítio mais iluminado, também a minha própria vida é uma viagem permanente à procura do sentido de mim próprio e do mundo.

Outro elemento de identificação com S. João da Madeira é a referência à “cidade dos 51 telefones”...

A rede telefónica foi inaugurada em S. João da Madeira pela minha avó, Teresa. Na altura, só havia 51 telefones. Esta cena é depois transposta para a ficção e a Teresa deixa de ser a minha avó e passa a ser a mulher universal, que vem fundar a telecomunicação.

O amor que tem à cidade concretiza-se em S. João da Madeira?

Não só. A cidade é uma cidade universal que tem muito de S. João da Madeira, de Sarajevo, da velha Goa, um pouco de Belgrado. É, como na mitologia Hindu, um avatar ou uma aparência ou uma concretização dessa cidade universal. S. João da Madeira era uma possibilidade... digo era, porque eu tentei por duas vezes e falhei. Se não tivesse falhado, teria procurado fazer dela um exemplo concreto da materialização do amor. E há um momento no livro em que o personagem diz que “transporta para as ruas o amor de sua casa em vez de transportar para a sua casa a violência das ruas”. Nesta matéria, a comunicação social está a prestar um péssimo serviço à humanidade.

Como define a obra?

Viagem

Cidade

Amor

Prodígio